

## HISTÓRIA INTELLECTUAL E BIOGRAFIAS: MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO

Erika Morais Cerqueira\*

**Resumo:** Este artigo analisa a escrita autobiográfica de Gustavo Barroso (1888-1959), considerada fonte privilegiada para a compreensão de sua trajetória intelectual e das sociabilidades estabelecidas no ambiente intelectual da Primeira República. O objetivo é investigar os principais matizes de seu pensamento acerca da formação da nacionalidade.

**Palavras-Chave:** Gustavo Barroso; Autobiografia; História intelectual; Sociabilidade.

**Abstract:** This article analyzes the autobiographical writing of Gustavo Barroso (1888-1959), considered a privileged source for understanding his intellectual trajectory and intellectual sociabilities established in the First Republic. The main objective is to investigate the nuances of his thinking about the formation of the nationality.

**Keywords:** Gustavo Barroso; Autobiography; Intellectual History; Sociability.

Gustavo Barroso (1888-1959), intelectual<sup>1</sup> cearense, autor de uma trilogia de memórias composta por *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1941), é comumente lembrado como estudioso do patrimônio histórico - devido a sua atuação no Museu Histórico Nacional por aproximadamente trinta e cinco anos - e participante da Ação Integralista Brasileira - considerado o principal expoente do antissemitismo no Brasil. Muitas informações circulam a seu respeito,

---

\* Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Helena Miranda Mollo, financiada pelo REUNI. E-mail: erika\_mcerqueira@hotmail.com

<sup>1</sup> Quando se trabalha com a obra historiográfica de um autor, esbarra-se imediatamente na imprecisão do termo 'intelectual', questão detectada pelos diversos autores que se preocuparam com o assunto. François Sirinelli, autor que se dedicou ao estudo do tema destaca o caráter polissêmico dessa noção, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra. O autor sugere duas acepções para o termo: "uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou 'mediadores' em potencial, e ainda outras categorias de 'receptores' da cultura". Cf: (SIRINELLI, 2003:242).

frequentemente negativas no que tange a sua trajetória política, demarcada por uma admiração pelo Nazismo alemão. As teorias antissemitas divulgadas em sua obra são consideradas as principais razões para o obscurantismo vivenciado pelo autor ainda em vida e, acredita-se que a composição de memórias foi uma estratégia encontrada pelo intelectual para propalar uma imagem de si distinta de sua trajetória integralista.

Diferente dos diários íntimos, pertencentes ao âmbito privado, sem o intento de publicação, as memórias barroseanas são compostas com o desígnio manifesto de atingir o espaço público. Tal anseio está articulado à ideia de divulgar uma imagem capaz de promover o apagamento de uma versão nefasta a seu respeito e, em contrapartida, estabelecer uma nova interpretação sobre si. Somado a essa questão, identificamos o desejo de sobreviver ao tempo e à morte, pois a escrita autobiográfica também pode ser compreendida como uma maneira de publicar a própria vida e, dessa forma, perenizar o nome <sup>2</sup>.

A noção de que a narrativa memorialista permite ao autor construir sua identidade vem sendo discutida por vários estudiosos nos últimos anos, segundo eles, a escrita de si é constitutiva da identidade do autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu”. Contardo Calligaris, pesquisador que se debruçou sobre essa temática, propõe que tal modalidade narrativa assinala certa unidade entre quem escreve e quem é produzido pela escrita: “o sujeito que fala ou escreve sobre si não é o objeto (re)presentado por seu discurso reflexivo, mas tampouco é o efeito, por assim dizer, gramatical de seu discurso. Falando e escrevendo, literalmente, ele se produz” (CALLIGARIS, 1998:49). Ângela de Castro Gomes, autora de *Escrita de si, Escrita da História*, defende que as práticas autobiográficas atendem à demanda de certa estabilidade e permanência através do tempo, por conseguinte, permitem a organização da própria vida e o autoconhecimento:

É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa. Uma idéia que se alimentou do entendimento de que a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros (GOMES, 2004:16).

---

<sup>2</sup> Philippe Artières destaca o papel central do destinatário nas práticas de produção de si, pois, segundo o autor, sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não, o que assinala a função pública dessa prática. Cf: (ARTIÈRES, 1998:32.)

Mais que ordenar a própria vida, a escrita autobiográfica barroseana se relacionou a objetivos mais específicos, que envolviam a imagem pública do escritor, conforme afirmamos anteriormente. O desejo do escritor de perpetuar uma imagem distinta do que se propagava a época encontrou na escrita memorialista uma via para tornar pública e oficial uma determinada versão sobre si e, especialmente, ser reconhecido por uma identidade digna de nota. A neutralidade dessa prática, aliás, já foi colocada em questão por Philippe Artières que a concebe, inclusive, como uma alternativa para o indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto: “Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa e organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós” (ARTIÈRES, 1998:31). Problemática que nos leva a supor que a prática barroseana possa ser, nesse caso, compreendida menos como uma exceção que como um lugar-comum.

### **Trabalhando com fontes autobiográficas**

A escrita de si, prática que envolve tanto a elaboração de cartas quanto a composição de diários íntimos e de memórias, obteve, nos últimos anos, um reconhecimento e uma visibilidade extraordinários. Embora seja verdade que tal prática sempre teve autores e leitores, o prestígio alcançado por ela no espaço acadêmico, especialmente entre os historiadores, pode ser considerado um fenômeno recente. A despeito da relevância alcançada na academia, ainda são infreqüentes as pesquisas históricas que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de documentação, problemática discutida por Ângela de Castro Gomes, que considera compreensível tal situação, pois, segundo a autora: (...) embora tal documentação sempre tenha sido usada como fonte, apenas mais recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto da pesquisa histórica” (GOMES, 2004:10). Não obstante o caráter hodierno do trabalho com a autobiografia, acreditamos que esse tipo específico de fonte pode contribuir para o desenvolvimento da pesquisa que ora apresentamos por duas razões. Em primeiro lugar, a escrita de si produzida por Barroso constitui uma chave para a compreensão da personalidade do autor, em outras palavras, ela permite entender como ele se viu e como desejou ser visto pelos seus

contemporâneos e pela posteridade. Por outro lado, as memórias barroseanas possibilitam o estudo de uma complexa rede de sociabilidade <sup>3</sup> estabelecida entre a intelectualidade do início do século XX.

O cuidado com a elaboração da própria imagem é notório em Gustavo Barroso, cumpre destacar a organização de um arquivo privado por parte do intelectual, cuja manutenção está a cargo do Museu Histórico Nacional, onde verificamos um álbum, com recortes de jornais, confeccionado pelo escritor. Nesse álbum foi guardada boa parte das notícias publicadas sobre o autor, o que assinala uma constante preocupação com a prática de “produção de si”. Além das informações veiculadas na mídia, o arquivo conserva um número expressivo de cartas trocadas entre ele e as personalidades da época, o que institui o material como fonte rica para o estudo das redes de sociabilidade estabelecidas durante as primeiras décadas da República no Brasil.

Apesar de constituírem um material rico para a investigação histórica, as fontes autobiográficas devem ser analisadas com cuidado, devido às inúmeras dificuldades que se colocam ao pesquisador, as quais, por seu turno, são inerentes à natureza de tais fontes. Os historiadores que, nos últimos anos têm se dedicado ao trabalho com autobiografias, comumente salientam a complexidade que envolve o recurso a essa documentação. Ângela de Castro Gomes destaca o perigo da “ilusão de verdade”, pois os documentos pessoais permitem um contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos, exercendo, dessa forma, uma espécie de encanto que pode nos levar a crer, em alguns momentos, que nossos atores aparecem de forma “real” e a história contada por eles é apresentada “sem disfarces”. Nesta perspectiva, Castro Gomes assinala a necessidade de um deslocamento nos procedimentos de crítica às fontes históricas, no que envolve questões relativas ao ‘erro’ ou à ‘mentira’, destacando qualquer possibilidade de se saber ‘o que realmente aconteceu’, pois não é essa a perspectiva do registro feito. As questões apresentadas expõem algumas das dificuldades do trabalho com fontes autobiográficas, no entanto, elas não devem servir

---

<sup>3</sup> Segundo François Sirinelli, a sociabilidade pode ser entendida como uma esfera de contato em que se interpenetram o afetivo e o ideológico. O autor afirma que as ‘redes’ secretam microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos freqüentemente apresentam traços específicos. O autor conclui que: “a palavra sociabilidade reveste-se, portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘redes’ que estruturam e ‘microclima’ que caracteriza um microcosmo intelectual particular”. (SIRINELLI, 2003:252 – 253).

como empecilho para o uso dessa documentação e, sim como uma advertência ao historiador.

Malgrado as dificuldades do recurso às memórias, cumpre destacar a relevância que tem sido atribuída a essa documentação no espaço acadêmico, haja vista as publicações expressivas nos últimos anos que têm escritos autobiográficos como fonte principal. O trabalho de Rebeca Gontijo é sintomático a esse respeito, a autora em questão tem se dedicado ao trabalho com fontes autobiográficas, especialmente a correspondência entre intelectuais que, em sua perspectiva de análise, constitui uma alternativa valiosa para o entendimento dessa categoria de indivíduos:

A correspondência – assim como os diários íntimos e os textos memorialísticos – contribuiria para a compreensão da personalidade do autor/escritor. As cartas de intelectuais fornecem informações que podem ser utilizadas na elaboração da memória, estimulando o imaginário sobre o mundo dos autores/escritores (GONTIJO, 2004:166).

Giselle Martins Venâncio, historiadora igualmente comprometida com a investigação dos arquivos privados como possibilidade de desvelamento da ambiência intelectual e da especificidade das sociabilidades estabelecidas nesse universo, afirma que “Ao explorar esses arquivos, os historiadores nutrem a esperança de tornar o passado tangível, tocar o que de real restou de um tempo pretérito, vivendo a sensação de atingir de forma definitiva e próxima os testemunhos do passado” (VENÂNCIO, 2004:112). Nessa perspectiva, a discussão que se segue busca apresentar Gustavo Barroso e sua trajetória por meio de suas memórias e, dessa forma, esperamos também desvendar esse complexo meio de sociabilidade intelectual, marcado tanto por laços de amizade quanto por relações de animosidade.

É importante ressaltar que o intento deste trabalho é compreender as memórias escritas por Barroso menos como representação real do que o autor viveu do que a forma como ele foi construindo uma imagem de si ao longo do processo de criação textual. Embora o escritor possua um número expressivo de fontes autobiográficas, conforme assinalamos anteriormente, a fim de viabilizar a pesquisa, privilegiaremos a análise da trilogia de memórias escrita pelo autor entre os anos 1939-1941. Deste modo, faremos uma apresentação dos três livros publicados e, em seguida, analisaremos os principais matizes do pensamento barroseano, de forma a averiguar a forma como ele se relacionou com a intelectualidade do período.

## Gustavo Barroso à luz de suas memórias

### *Coração de Menino*

*Coração de Menino* - primeiro livro da trilogia de memórias escrita por Barroso - foi publicado pela primeira vez em 1939 e reeditado outras duas vezes. A terceira edição, do ano de 2000, foi publicada pela Casa de José de Alencar com o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC). A primeira questão que se coloca diz respeito à data da terceira edição. Por que os editores estariam interessados em apresentar uma autobiografia de um escritor cearense supostamente esquecido? Se tomarmos como verdade incontestada a ideia defendida por alguns historiadores<sup>4</sup> de que nas últimas décadas houve um apagamento da memória de Barroso, relacionado principalmente a sua atuação na Ação Integralista Brasileira (AIB) e divulgação do antissemitismo no Brasil, a publicação no ano de 2000 seria uma incoerência. No entanto, acreditamos que essa questão deva ser relativizada, devido à permanência de uma noção sobre o caráter exemplar de sua trajetória, que a tornaria fonte de inspiração para novas gerações, conforme observamos na nota dos editores:

A iniciativa dos editores colima o alto objetivo de divulgar na atualidade, entre os jovens estudantes cearenses do curso fundamental e das escolas superiores, o gênio de nosso eminente conterrâneo, membro ilustre da Academia Brasileira de Letras e patrimônio imprescindível para a cultura cearense (BARROSO, 1939).

Identificamos no argumento do editores não apenas a valorização de Barroso como expoente da cultura cearense, como também o reconhecimento implícito por suas atividades no âmbito das letras, o que tornaria fundamental a divulgação de sua figura entre a juventude. Se a imagem do escritor fora esquecida, a nota dos editores demonstra, por um lado, a relevância que ela ainda possui para alguns e, por outro, a crença que cerca sua figura como intelectual prestigiado no Ceará, o que nos leva a supor também a permanência de seu ideário. Uma hipótese para a manutenção de seu

---

<sup>4</sup> Aline Montenegro Magalhães, historiadora que nos últimos anos se dedicou à análise do pensamento barroseano - sobretudo no que diz respeito à prática museológica desse intelectual - afirma, em *Troféus da guerra perdida*, que a atividade na Ação Integralista e a defesa do ideário nazista foram causas decisivas para o obscurecimento da imagem de Gustavo Barroso. Cf: MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. (Tese de doutorado).

nome entre o dos autores consagrados na literatura cearense está relacionada à sua prática memorialista, que envolve vários artifícios, desde a publicação de autobiografias até a organização de um arquivo pessoal. Tais estratégias evidenciam o objetivo de divulgar sua imagem e, por conseguinte, evitar o esquecimento, ações que indicam um trabalho constante para a conservação de sua personalidade. A estrutura das publicações demonstra esse esforço de construção de uma imagem idealizada, o que pode ser percebido desde o primeiro livro da trilogia de memórias e que examinaremos a seguir.

*Coração de Menino* é dedicado ao professor Lino da Encarnação, mestre do escritor no Colégio Parténon, que “depois de educar sem reclames nem mercantilismos várias gerações de meninos no Ceará, morreu humilde, pobre e esquecido de todos.” (BARROSO, 1939). Ao dedicar o a obra ao professor, Barroso não só expõe certo lamento em relação ao esquecimento da memória de seu “pai espiritual”, como também deixa entrever o temor que o esquecimento lhe causa. A escrita de suas memórias parece ser uma busca por livrar-se desse pavor do abandono, o que nos permite compreendê-la como parte de um projeto de arquivamento de si. Prática definida por Philippe Artières como um mecanismo que contrapõe à imagem social a imagem íntima de si próprio, funcionando, dessa forma, como alternativa de construção de si mesmo e de resistência, que tem por objetivo recordar o passado, preparar o futuro e, sobretudo existir no presente <sup>5</sup>.

Na capa do livro, a despeito das publicações anteriores em que o autor utilizava o pseudônimo João do Norte, aparece o nome verdadeiro do escritor <sup>6</sup>, acompanhado de uma fotografia sua um pouco abaixo. O emprego do nome próprio não constitui simples detalhe, ela nos remete a ideia de um pacto autobiográfico <sup>7</sup> em que o autor estabelece o

---

<sup>5</sup> Philippe Artières afirma que o arquivamento de si responde a uma injunção social, que exige do indivíduo que ele defina a si próprio e, em contrapartida, assegura a o reconhecimento de sua identidade. Artières destaca o trabalho de modificação que o redator faz no arquivamento de sua vida, analisa o exercício da reescrita a que ele se entrega e assinala que aspectos de sua vida ele oculta ou ao contrário valoriza. Ressalta, principalmente, um traço comum às práticas de arquivamento, qual seja, o desejo de tomar distância em relação a si próprio. (ARTIÈRES, 1998:28).

<sup>6</sup> Philippe Lejeune afirma que o emprego do nome próprio ocupa um lugar central na autobiografia, pois, em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome, e acentua que o lugar concedido a esse nome é capital, pois ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. Cf: (LEJEUNE, 2008:23).

<sup>7</sup> Segundo Philippe Lejeune, o pacto autobiográfico é a relação de identidade do nome (autor - narrador - personagem). Ele explica que o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro. Para o Lejeune, uma das críticas feitas à ideia de pacto é que ela supõe a reciprocidade, um ato em que duas partes se comprometem mutuamente a

compromisso de dizer a verdade. A proposta de autenticidade do relato constitui, por um lado, uma característica dessa modalidade de escrita e, por outro, uma estratégia de convencimento. A historiadora Ângela de Castro Gomes adverte, no entanto, que, embora as memórias possam ser consideradas “discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, não pode, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas” (GOMES, 2004:22).

Mais do que um espaço para o relato de suas memórias, a autobiografia foi uma alternativa encontrada pelo museólogo para a expressão de seus sentimentos, sonhos e frustrações. A epígrafe do livro é reveladora do que o autor entendia ser essa modalidade de narrativa: “Neste livro somente conto a verdade. Os arranjos e atavios literários envolvem-na só para diminuir-lhe a intensidade ou torná-la mais acessível ao leitor atual” (BARROSO, 1939). A promessa de fidelidade aos fatos está novamente presente, agora de forma explícita na afirmação de Barroso, como orientação para a leitura e, principalmente como uma busca por conferir legitimidade a narrativa. Todavia, é o próprio autor quem afirma que *arranjos literários* foram introduzidos nessa escrita, ainda que com o suposto objetivo de produzir uma leitura prazerosa, a advertência é sintomática de que o narrador reconhecia a impossibilidade de total veracidade nesse tipo de narrativa e também estabelecia a presença de elementos imaginários.

A inserção de elementos do campo literário na escrita barroseana nos remete a outra questão, qual seja, o aspecto moderno da narrativa. Os aspectos característicos do romance são utilizados na narrativa de forma a produzir o que se convencionou chamar de biografia romanceada. Tal modalidade de escrita, utilizada por Barroso, não constitui uma exceção aos modelos em voga no período, mas sim uma prática comum nos anos 1930. Problemática analisada por Márcia Gonçalves, em sua tese de doutorado, intitulada *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. A autora explica que a biografia produzida na década de 30 e, por conseguinte a

---

fazer alguma coisa e, no pacto autobiográfico, como, como em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Contudo se a pessoa decidir ler, ela deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Cf: (LEJEUNE, 2008:73-74).



autobiografia, passou por transformações que mobilizaram parte significativa dos intelectuais:

Em finais da década de 1920, com destaque para os anos 30 e 40, identificaram-se uma epidemia biográfica e uma renovação da biografia. Houve quem, em coro com os ventos europeus, teorizasse sobre a emergência de uma biografia moderna em terras brasileiras. (...) Os estudos mais recentes sobre história da leitura e dos livros e sobre história intelectual no Brasil não concederam maior ênfase à análise dessas três temáticas correlacionadas entre si: a constatação do crescimento da publicação de biografias, a renovação do gênero e, derivada dessa perspectiva, certa teorização sobre a emergência de uma biografia moderna (GONÇALVES, 2010:97).

A escrita de si inclui elementos da ficção e se constitui como uma escrita de fronteira, em que aspectos do universo ficcional se coadunam com fatos de existência verídica. A advertência de Barroso, logo na epígrafe, evidencia que a autenticidade do relato deve ser colocada em suspenso, ainda que o autor faça menção, um pouco adiante, a outro elemento que, em sua opinião, é atestado de fidelidade, a saber, a saudade: “Como a distância azula as cerranias e as uniformiza, fazendo desaparecer anfractos e despenhadeiros, é possível que a saudade também azuleja homens e cousas na distância do tempo. Mas a saudade é a maior testemunha da verdade” (BARROSO, 1939). A saudade possui duplo sentido, se por um lado ela suaviza recordações, comprometendo, de certa forma, a fidelidade da narrativa, por outro lado, ela é percebida como um atestado de veracidade, em outras palavras, só é possível sentir saudade de algo que realmente ocorreu.

A narrativa não inicia com o nascimento biológico<sup>8</sup> do autor, mas sim com sua admissão no Colégio Parténon, o que insinua a tentativa de vincular o começo de uma vida ao universo das letras, como se houvesse uma inclinação natural, desde a infância, para o estudo. As habilidades de Barroso são destacadas no primeiro contanto com o mestre Lino da Encarnação, ocasião em que o professor testou os conhecimentos do então aspirante a aluno do Colégio Parténon. Barroso teria respondido questões sobre Geografia e História com tamanha desenvoltura que o docente o teria inserido entre os alunos mais velhos. Os relatos que se seguem apresentam as aventuras de um menino e

---

<sup>8</sup> O fato de não começar a narrativa pelo nascimento biológico parece evidente, afinal, em uma autobiografia seria impossível que o autor recordasse seu próprio nascimento. No entanto, alguns escritores optam por tentar reconstituir esse momento de suas vidas a partir das informações de parentes e amigos.

suas primeiras experiências na escola: os vínculos de amizade, as desavenças, as brincadeiras, atividades de classe e relações com a família.

O registro começa com as lembranças relativas ao colégio, mas abre-se um interregno para explicações sobre a origem da família, dos nomes e laços de parentesco. O autor faz referência à origem germânica de sua mãe, que, segundo ele, seria responsável pelo seu apego à ordem e às coisas da terra. Ao traçar sua genealogia, o escritor intenta atribuir a si uma espécie de distinção pelo nascimento e, por essa razão, retoma informações sobre a profissão de seu avô materno que, supostamente, fora um engenheiro respeitado. A respeito de sua origem paterna, observa-se um apreço pelas tias e pelos tios, que ocupam espaço privilegiado na narrativa. As primeiras seriam responsáveis pela sua alfabetização e, posterior, inserção no mundo das letras, os segundos, em contrapartida, seriam baluartes de seu amor pela carreira militar. As histórias contadas pelos tios, especialmente as lendas sobre a guerra do Paraguai, teriam povoado a mente de Barroso desde a mais tenra infância, influenciando seu desvelo por tudo o que diz respeito ao tema.

A instrução das tias e a bravura dos tios teriam formado sua personalidade, e, associado a essas características, o *sangue* germânico de sua mãe, teria lhe conferido altivez e nobreza de caráter. Para além do aspecto apologético do texto, destacamos a economia de informações acerca de seu pai, apresentado como uma pessoa indiferente ao filho e à família, de poucos anseios na vida e nenhuma disposição para a mudança. Embora o pai seja qualificado de forma negativa na narrativa, não se pode menosprezar o seu papel como referência para Barroso, pois, verifica-se que os diálogos travados entre pai e filho estão sempre envoltos de grande emoção e respeito. Tais diálogos podem ser tomados, frequentemente, como reveladores de seu pensamento adulto, muito embora, Barroso seja enfático ao afirmar que não pretende seguir a trajetória de seu pai como tabelião, trabalhando em Cartório, com poucos recursos e sonhos.

A alusão aos pais é feita sob a ótica do lamento, pois, é recorrente o sentimento de desamparo causado pela morte da mãe - que faleceu sete dias após seu nascimento - e pela indiferença do pai - que o entregou aos cuidados das tias. O sofrimento causado pela ausência de ambos parece ter marcado sua personalidade de forma indelével, constituindo uma característica que se faz presente ao longo de sua trajetória, marcada pelo sentimento de incompreensão e abandono mesmo na fase adulta, o que se discutirá

adiante. Barroso - representado nas memórias – é um menino tímido e solícito, cuja resignação parece contrastar com o homem que se tornaria anos mais tarde:

Meu pai raramente fala comigo e parece, ao meu ver, não me dar muita importância. Desde pequenino, por falta de um afeto maternal gerador de confiança ilimitada, eu me acostumara a viver muito comigo mesmo e a deixar-me solicitar sempre, em vez de solicitar. (BARROSO, 1939:14)

A descrição de sua casa é feita pela ótica do passado e, a partir dela, podemos compreender o amor de Barroso pelo pretérito. A rotina do menino parece impregnada pelo passado, por tudo que faz lembrar um tempo de outrora, resquícios de algo não vivido pelo escritor, mas que parece ter causado profunda impressão em seus sentidos, passando, assim, a possuir importância crucial em sua vida:

Nossa casa era uma casa antiga no aspecto, nos moradores e nos usos. Velho sobradão colonial, com paredes de fortaleza e soalhos de taboões. Velhos armários e velhas cômodas com velhas louças da Índia, pratarias e castiçais de vidro. Minha avó, octagenária. Minhas tias, passando dos sessenta. Acordava-se às cinco e meia da manhã, tomava-se café às seis, almoçava-se às dez e jantava-se às quatro da tarde. Às nove da noite todos dormiam. (BARROSO, 1939:13)

A vigência de múltiplas temporalidades na narrativa pode ser considerada lugar-comum nas práticas de escrita de si, constituindo-as, por essa razão, como fonte privilegiada pra a compreensão do tempo para seus autores. A historiadora Ângela de Castro Gomes destaca que as práticas de escrita de si podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão e, também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. (GOMES, 2004:13)

A caracterização do cotidiano familiar traduz uma rotina imersa no passado, percebido como um tempo que ainda revivia e orientava a percepção das pessoas inseridas naquele espaço. A hipótese que se apresenta é de que o convívio de Barroso com essa ambiência antiga teria despertado sua afeição pelo pretérito desde a infância, tornando-se, na idade adulta, o elemento orientador de projetos políticos e

historiográficos. Acreditamos que o “Culto da Saudade”<sup>9</sup> tenha se originado dessas experiências específicas, constituídas ao longo de uma vida, no contato com a família.

A idade dos parentes com os quais Barroso conviveu até, praticamente, a vida adulta, nos leva a indagar sobre os valores que essas pessoas comungavam e que, hipoteticamente, lhe teriam sido infundidos. O amor ao passado seria resultado desse convívio? A essa situação, acrescenta-se o fato de que foram as tias as responsáveis pela alfabetização do menino Barroso, de forma que acreditamos, elas possuíram certa influência sobre o futuro escritor. A respeito da formação intelectual de sua tia Iaiá, irmã mais velha de seu pai, ele afirmou: “tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura de 1860. Falava muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francesa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro” (BARROSO, 1939:16). As informações sobre a tia nos permitem compreender o apreço pela Monarquia e pela tradição que, anos mais tarde, se tornariam elementos orientadores de sua escrita<sup>10</sup>.

O ambiente familiar foi determinante na vida do futuro escritor, com destaque para as agruras vivenciadas pela família do autor, que podem ser observadas nas referências a respeito das dificuldades financeiras enfrentadas pelos parentes. Identificamos, de um lado, certo conformismo em relação à carestia presente no sobrado, por outro, verificamos em Barroso, um desejo de enaltecer, por meio desse relato, suas realizações posteriores. A vida no sertão parece - à luz de suas memórias - privada de recursos básicos, o que teria forçado o escritor, desde seus primeiros anos, a buscar alternativas próprias para a realização de seus projetos: “Minhas tias e minha avó eram muito pobres. (...) Tinha, pois, de pedir o dinheiro àquele que, sozinho, me tem dado todo o dinheiro que tenho gasto comigo e com os outros, àquele que, sozinho, me fez o que sou: a mim mesmo” (BARROSO, 1939: 110). Embora identifiquemos a descrição de uma infância vivida com poucos recursos, o tom lastimoso é usado para exaltar o sucesso experimentado na idade adulta.

---

<sup>9</sup> “O Culto da Saudade”, artigo publicado por Gustavo Barroso no *Jornal do Commercio*, em 1912, é um projeto político e historiográfico que propõe uma relação afetiva com o passado, por meio da valorização do patrimônio histórico e da memória nacional. A preocupação com a tradição é o mote primordial do artigo e reflete sua proposta romântica. Cf: BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

<sup>10</sup> Gustavo Barroso pode ser incluído entre uma tradição de intelectuais monarquistas que pensava positivamente o Império, malgrado as particularidades que envolvem cada um dos estudiosos, podemos citar: Eduardo Prado, Afonso Celso, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Rocha Pombo e Afonso Taunay. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “As festas que a República manda guardar”. In: *Estudos Históricas*, v.2, n. 4, 1989, p. 172-189.

Outro aspecto a ser destacado na autobiografia barroseana é a tentativa de vincular o autor aos ditos “homens ilustres da pátria”, em outras palavras, ao elogiar os vultos de sua região e expor o sonho de estar entre eles, Barroso propõe que o leitor o identifique como pertencente a essa categoria de indivíduos:

Olho todos os dias essas figuras com um desejo quase inconsciente, larvar, informe, indefinido, de ser ilustre como eles, de honrar também a minha terra e a minha geração. Esqueço nesses momentos de contemplação minhas inclinações para a molecagem (...) e penso em estudar, entrar para a Escola Militar ou para a Escola Naval, tornar-me notável (...). (BARROSO, 1939:163)

A proposta de inserção do autor entre as personalidades do Nordeste é assegurada pelo uso de outra estratégia, qual seja, a identificação do escritor como vítima de injustiças por parte do poder público e da Imprensa. A fórmula empregada reflete o anseio de suscitar piedade entre seu público e, de forma mais sutil, retrata o objetivo de denunciar ataques que, supostamente, vilipendiavam sua imagem. Nesse sentido, a escrita de si seria um artifício para fazer justiça a sua figura:

(...) se essa voz misteriosa e quase imperceptível me contasse a poeira de ódio, incompreensão e inveja que levantariam meus passos pelo caminho a percorrer, juro que teria preferido o cartório, o sítiozinho, a vida miúda, igual corriqueira, em que o tempo passa pela gente, e não a que me coube, em que passo pelo tempo. (BARROSO, 1939:164-165)

Não obstante o tom de pesar - evidente nas assertivas supracitadas - percebemos o desejo de glória por parte do autor, principalmente no que se refere ao orgulho pelos postos alcançados na política e nas instituições vinculadas ao campo das letras e da história. O discurso encomiástico pode ser observado na descrição sobre o profeta anunciando seus feitos futuros na política:

Se, nesse dia 1º de julho de 1898, um profeta chamasse o Governador do Estado e mostrasse aquele garoto cabeludo, franzino e pálido, de coçada ropinha de brim e meias caídas sobre os coturnos cambaios, dizendo-lhe: - Aquele menino contribuirá com a sua pena para acabar com a situação política que lhe parece tão sólida e o mantém como Governador; será Secretário de Estado, neste Palácio, daqui a quinze anos, onde receberá os cumprimentos bajulatórios de muitos destes mesmos coronelões deputados que hoje vêm saudar a V. Excia., será Deputado Federal e colega, na Câmara, dos Deputados que sobrem dos terremotos políticos; decerto S. Exa. soltaria a mais gostosa gargalhada deste mundo. (BARROSO, 1939:140)

A tentativa de construir uma imagem de si como alguém que alcançou reconhecimento apesar das agruras da vida é concomitante aos ataques vivazes ao poder público e às injustiças que acreditava estar sendo vítima. O tom lastimoso do relato se apresenta mais veemente quando o autor se manifesta a respeito da modernidade e das transformações pelas quais o país passava. O desejo de imobilidade das coisas é acompanhado do ataque às modificações em curso, o que pode ser observado nas referências às construções urbanas e aos costumes do povo.

*Coração de Menino* é concluído com uma denúncia ao cosmopolitismo e a presença da cultura norte-americana no Brasil, principalmente no que se refere às Festas Natalinas, marcadas pelo abandono da tradição cristã e adesão aos elementos característicos do Hemisfério Norte - transformação simbolizada na figura do Papai Noel:

Vivemos numa época de tanta confusão e de tão filuciosa ignorância que se propugna um vovô índio sem pé nem cabeça para substituir um Papai Noel sem cabeça nem pés, esquecendo a verdadeira tradição do país através da sua religião e dos seus usos: O Menino Jesus! (BARROSO, 1939:247)

A crítica aos Estados Unidos é seguida por afirmações fulgurantes a respeito da tradição cristã e dos costumes nacionais, evidenciando o ufanismo do autor. A consecução do primeiro volume de memórias nos permite destacar alguns pontos que norteiam a obra. Em primeiro lugar, ressaltamos o aspecto laudatório do texto, ou seja, por meio do relato da infância o autor divulga virtudes que estariam presentes desde os seus primeiros anos de vida, de forma a tornar possível traçar uma continuidade entre o pensamento e da criança e do homem adulto. Os elementos que constituem a ideia central defendida ao longo da narrativa são: a fidelidade aos amigos; a preocupação com os mais humildes e incultos; a preocupação com a seca; o apego às letras e à carreira militar e a imagem do indivíduo incompreendido. Na expectativa de estudar a trajetória barroseana, tal como seu autor a definiu, empreenderemos a investigação do segundo de livro de sua produção autobiográfica.

### *Liceu do Ceará*

Publicado em 1940, *Liceu do Ceará*, segundo livro da trilogia memorialista de Gustavo Barroso, segue uma estrutura semelhante a do livro *Coração de Menino*, publicação precedente. O nome do autor figura novamente na capa, de maneira a atestar a autoria e estabelecer uma relação de identidade entre autor – narrador – personagem, conforme discutimos anteriormente. Dedicado à memória de seus mestres e amigos, o texto apresenta uma organização temporal distinta do primeiro volume de memórias, pois, enquanto o primeiro narrava as experiências vividas durante um ano, o segundo apresenta uma cronologia mais ampla. A narrativa descreve os oito anos em que o autor foi estudante do Liceu, contemplando, portanto, os anos de 1889 a 1906, proposta presente desde o sumário, cuja divisão obedece a essa proposição.

A estrutura do sumário demonstra o intento de vincular a trajetória pessoal à formação intelectual, no entanto, o autor caracteriza de forma negativa a rotina vivida no Liceu e apresenta um aluno pouco afeito aos estudos, propenso a “vadiagem”: “Eu e todos os de minha turma encontraríamos no terceiro ano como que uma *esquina do pecado*. Repeti-lo-íamos, como outros mais, tentados pelo demônio da vadiagem” (BARROSO, 1940:20). Apesar do desinteresse pelas aulas e da hostilidade contra os professores, o autor é contumaz ao afirmar sua inclinação para as disciplinas de história e geografia: “Os estudos de mal a pior! Não estudava e quasi não freqüentava as aulas, salvo as de geografia e história, que continuavam a me atrair”. A propensão para o estudo de tais assuntos parece, à luz da narrativa barroseana, uma vocação natural e também um anúncio das preocupações que ocupariam o autor anos depois.

O amor ao passado e o apego à tradição - temas que orientaram sua produção bibliográfica, sua atuação no Museu Histórico Nacional e, inclusive, sua ação política - estão presentes no decorrer da narrativa. *Liceu do Ceará* apresenta um autor saudoso, não de objetos ou de construções do passado, tal como nos artigos publicados sobre patrimônio, mas de fatos e pessoas da infância, de forma que a tristeza provocada pela morte dos homens de sua geração ocupa um espaço significativo na obra: “No decorrer da existência, a ausência e a morte vão continuamente levando amigos e conhecidos. E’ triste a gente sentir-se só, quasi estrangeiro, acompanhado somente de reminiscências e saudades, na terra que nos viu nascer” (BARROSO, 1940: 171). A saudade faz o autor

retomar os sonhos de juventude, notadamente o desejo de seguir a carreira militar, intenção também exposta em *Coração de Menino*, mas de maneira menos veemente. O segundo livro de memórias apresenta um indivíduo obstinado em se tornar militar, cujas investidas foram mal interpretas pela família e que a doença, por fim, privou de sua concretização:

Se cursasse a Escola Naval, talvez um dia chegasse a almirante, pensava, sem coragem de revelar meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente, como ave ferida que pouco a pouco se esvái quasi sem agitar as asas enfraquecidas. Só eu sei o que me custou essa tragédia íntima, só eu sei, porque somente eu a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidos dos outros e que se não realizaram. (BARROSO, 1940: 83-84)

A revolta causada pelo sonho não realizado é associada à incompreensão da família e, mais uma vez, o pai figura como o algoz do escritor, identificado como o culpado de sua amargura. Todavia, se a profissão de militar era preterida pela família, o universo das letras, especialmente a carreira jurídica, parecia formidável. Barroso, em contrapartida, manifestava indiferença pelo assunto e se mostrava alheio às “matérias do espírito”, demonstrando descaso pelo curso de Direito, ofício escolhido por ele, anos mais tarde: “Como a Escola Militar estivesse fechada e constasse que tão cedo se não reabriria, curvei a cabeça aos desejos de minha família, ainda mais veementes após a fundação da Faculdade Jurídica em Fortaleza, e aceitei ser bacharel em Direito” (BARROSO, 1940: 180). Embora a profissão tenha sido uma imposição da família, nas palavras do autor, a adesão à “vida literária”, no entanto, ocorreu ao acaso, devido ao interesse de um professor por um texto seu, que teria proporcionado a primeira publicação no jornal “República”: “Mostrara-lhe o trabalho e ele m’o tomara, achando-o digno de publicação”. (BARROSO, 1940:210)

Ora, se a inserção no universo literário é fortuita – informação que deve ser relativizada – as leituras feitas pelo autor são um indicativo de sua atração por esse campo desde a juventude. Espécie de preparação para o ofício, Barroso lia a “Illustration Française”, as “Lectures pour tous”, o “Graphic” de Londres, o “Fliegend Blätler” de Viena, o “Meggendorf Blätler” de Munich e o “Piccolo dela Sera”. Dedicava-se à literatura estrangeira, especialmente nas línguas inglesa e francesa, e mostrava preferência pelo gênero de aventura: “Devorava livros – os de minha casa, os



de meu padrinho, os de meu primo Ricardo, os que bondosamente me emprestava meu velho amigo Dr. Francisco De Paula Pessoa, em português, em francês e mesmo em inglês, romances históricos e viagens, contos e ensaios” (BARROSO, 1940: 211). Os frutos da prática de leitura logo se fizeram notar, promovendo uma escrita fecunda, de forma que, após a primeira publicação, o autor foi convidado a escrever novamente. A primeira conferência proferida pelo escritor foi sobre Pero Coelho, em 1904, na Fênix Caixeiral de Fortaleza e, na ocasião, a “Revista Trimestral do Instituto do Ceará” publicou o estudo que, posteriormente, foi editado também pelo “Jornal do Commercio”.

*Liceu do Ceará* é concluído com o registro sobre uma doença adquirida pelo escritor, possivelmente a esquistossomose que, devido à demora do diagnóstico e do tratamento, teria causado inúmeros transtornos e comprometido a sua saúde. A cura da doença ocorreria no final de 1906, anunciando a oportunidade de continuidade dos estudos, por um lado, e o fim da expectativa da carreira militar, por outro.

### ***Consulado da China***

Terceiro livro da trilogia memorialista de Gustavo Barroso, *Consulado da China* foi publicado em 1941, por Getúlio M. da Costa, com um número maior de páginas em relação às autobiografias anteriores. Mantém o estilo dos textos precedentes e a intenção de vincular a trajetória pessoal à formação intelectual, no entanto, o último volume apresenta uma organização diferente, em que as impressões sobre a terra natal aparecem de forma veemente. A atividade como jornalista é descrita com mais detalhes, onde observamos um elemento novo, qual seja, a oposição à política da época, especificamente à família Acioli que ocupava o poder. O livro está dividido em cinco partes, cujas primeiras páginas descrevem o cotidiano no sertão, os contos populares e a relação íntima entre o autor e o ambiente sertanejo.

O relato sobre a vida no sertão obedece à lógica da aventura, em que o autor se coloca como um descobridor de coisas e de lugares, de forma que a sensação dessas experiências teria marcado seu espírito de forma indelével. As histórias sobre cangaceiros ouvidas no contato com a gente antiga da terra e o encontro com o cangaceiro “Zé Dias” são exemplos dessa questão. Outro ponto a ser destacado é o

cuidado na transcrição de expressões da linguagem popular, gravadas em itálico, demarcados como distintos da norma culta, mas valorizados em sua singularidade.

O Sertão é descrito por duas vias, se por um lado a seca o torna um lugar de sofrimento e transforma a vida do sertanejo em verdadeiro martírio, a beleza de sua paisagem e a nobreza de seu povo o transforma em signo de orgulho e glória. Na perspectiva do autor, as mazelas do sertão fortalecem a sua gente que, para sobreviver à “Sahara do Brasil” precisou desenvolver certas habilidades de maneira que sua persistência constitui símbolo de sua tenacidade: “A seca molda e forma uma raça de fortes” (BARROSO, 1941:63). Ele exalta o nome de individualidades cuja origem advém do sertão e, no aspecto militar, destaca os soldados Tibúrcio e Sampaio, no âmbito das letras ressalta o poeta José de Alencar. Tais nomes são indicativos de uma raça que “libertou escravos, dominou o mar e conquistou a Amazônia”, cuja firmeza de caráter a torna baluarte da liberdade.

A lembrança desse espaço sublime desperta grande saudade e, é com amargor que o escritor relata as razões que o fizeram abandonar a terra querida, em seguida, a narrativa se transforma em um discurso triste, expondo um autor consternado pelas decisões tomadas ao longo de sua vida, alheias a sua vontade, entre elas, deixar a terra natal é, com certeza, a mais penosa: “Não tinha a quem recorrer para poupar-me essa dor. Como outras iguais e maiores devorei-a sozinho. Fiquei triste muito tempo. Minha tristeza é feita de centenas dessas tristezas” (BARROSO, 1941: 121). A tristeza, marca da escrita barroseana, é identificada nesse discurso com a velhice, pois, na perspectiva do autor, a velhice vive no passado, enquanto a infância é o tempo do sonho.

O amor ao sertão foi um aspecto constante em sua escrita bibliográfica, especialmente na primeira década de sua produção, em que o autor tornou-se conhecido pelos livros de “sociologia sertaneja”. A temática fez parte de um projeto acerca da pesquisa sobre o Folclore nacional e, foi na companhia de Manuel Bandeira e Afrânio Peixoto que, em 1941, Barroso coordenou os estudos relativos ao Folclore brasileiro e percorreu o país no intento de investigar as tradições populares. As informações oriundas dessa pesquisa foram, posteriormente, organizadas sob a forma de um Dicionário Etnográfico Brasileiro e publicadas. O autor atribui ao tempo vivido no sertão o interesse pelo Folclore e propõe que o convívio com a região o teria transformado em uma pessoa sensível a essa temática:

Muitos e muitos anos depois, estudando os folclores exótico, li uma lenda cambojiana, em que se conta duma casa, onde pratos, panelas, móveis, tudo tinha idéias e tudo falava. Assim, era para mim a casa da Água-Bôa. Tudo nela tinha alma, falava-me e eu entendia, como Mowgli da Jângala a quem o velho urso Baloo ensinara as palavras-mestras da língua dos animais. Eu sabia todas as palavras-mestras da língua das cousas. (BARROSO, 1941: 82)

A partir da terceira parte da narrativa, as experiências sertanejas dão lugar ao relato das atividades acadêmicas, políticas e jornalísticas, com enfoque um especial para a formação de uma república de estudantes pelo escritor, denominada Consulado da China. Barroso foi aluno da Faculdade de Direito do Ceará entre os anos 1907 e 1909, período de sua adesão à vida literária de Fortaleza, marcado pelas primeiras publicações de artigos em periódicos da época, com destaque para o “Jornal do Ceará”, órgão de oposição à família Acioli, ocupante do poder. As denúncias sobre irregularidades na administração pública durante o mandato de Nogueira Acioli, assim como as acusações a respeito do abuso de autoridade por parte do político, foram percebidas como afronta e o autor tornou-se alvo de provocações por parte do jornal “A República”, publicação situacionista:

“A República” mantinha uma secção diária de mofinas, o *Dizem por aí*, que começou a se ocupar comigo em 1908 e nunca mais me deixou de mão. Chamava-se *Gustavo-Besteira*, *Gustavo-Garapa*, *Gustavo-Xarope* e o *Opilado*. O que eu escrevia não passava de “tempestades e sandices. (BARROSO, 1941: 198-199)

Malgrado as críticas recebidas, o autor continuou sua atividade e estendeu sua área de influência, ele passou a colaborar em outros periódicos da Capital e fundou o jornal “O Garoto” com José Gil Moura, em 1907, publicação que atacava as personalidades da época. *Critico, desopilante, molieresco e rabelaisiano*, “O Garoto” teve uma vida relativamente breve – cerca de dois anos - mas incisiva e pouco comedida no que diz respeito aos ataques aos políticos.

O tom satírico e combativo de suas páginas foi severamente criticado pelos órgãos situacionistas de imprensa, especialmente o jornal “A República”. As provocações desse último foram rebatidas por Barroso e a troca de hostilidades tornou-se constante, em seguida, essa tensão adquiriu proporções maiores e o autor passou a receber ameaças de punição policial. As advertências constantes o deixaram receoso,

inclusive, de transitar pelas ruas e, por essa razão, a fundação de uma república de estudantes – o Consulado da China – foi crucial para garantir proteção ao escritor. A importância desse espaço para Barroso é, fundamentalmente, a de ser ele um lugar de sociabilidade e, por conseguinte, um local de segurança, devido à situação delicada em que se encontrava:

Disseminados pela cidade, os Consulados ofereciam-me asilo a cada passado. Muitas vezes dormi em um ou outro deles. Outras, quando os capangas me esperavam na rua Major Facundo, entrava pela Formosa ou por ela saía, pulando o muro do Consulado do Japão. Isso forçou-me a andar à noite quase sempre disfarçado. (BARROSO, 1941:263)

Esse “período bastante duro”, tal como o autor o definiu, assinalou mudanças significativas em sua vida, de colaborador do “Jornal do Ceará”, o escritor passou a ocupar um posto de maior visibilidade, espécie de redator-chefe, que o prepararia para assumir funções em periódicos maiores e mais influentes no país, como a Revista Fon-Fon, anos mais tarde. Órgão em que o autor colaborou desde os primeiros anos na cidade do Rio de Janeiro e que, em 1916, ele passou a fazer parte do corpo editorial, posição ocupada por ele ao longo de mais de uma década. A crítica recebida anos a fio na imprensa cearense teve um aspecto positivo, nas palavras do autor, ela foi responsável pelo seu preparo para a vida pública: “Fiquei calejado para outras lutas na imprensa e na política”. (BARROSO, 1941: 232)

O autor afirmar ser o clima de hostilidade e a consequente tensão estabelecida após anos de combate à política situacionista que o obrigaram a mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro: “Deixei o Ceará antes que as ameaças se realizassem” (BARROSO, 1941: 214). A decisão de migrar para a Capital Federal foi tomada em 1910 e contou com o apoio de amigos e familiares que acompanharam o escritor até o embarque para a viagem no vapor “Olinda”. Após a resolução, o autor descreve a lembrança triste desse momento de juventude, consciente de que as coisas jamais seriam as mesmas e que ele teria somente a si mesmo doravante:

Só então compreendi e senti o passo que dera. Deixava para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituará, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com que me irmanara na mesma tradição e nos mesmos sentimentos, tudo o que

amara. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influências de outros meios, sem dinheiro e sem proteção, sozinho, sozinho, contando unicamente comigo. Que seria de mim? Deitei-me de bruços no sofá e comecei a chorar, abafando os soluços para não acordar os outros. (BARROSO, 1941: 274)

A Capital permitiu ao escritor concluir o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, iniciado no Ceará, e adentrar no seletivo espaço de sociabilidade letrada. Os vínculos de amizade estabelecidos nesse ambiente foram fundamentais para a realização de projetos no âmbito do patrimônio - como a criação do Museu Histórico Nacional - e no “mundo das letras” - como a entrada para a Academia Brasileira de Letras. No primeiro caso, as relações com o então presidente Epitácio Pessoa foram decisivas para a concretização de seu anseio em 1922. As nuances do pensamento barroseano é o que procuraremos discutir adiante, com destaque para as questões ligadas à identidade nacional, ao ufanismo, ao catolicismo e ao integralismo.

### ***Em busca do ser nacional***

Apesar da frieza do trato paterno, o autor de *Coração de Menino* concede importância aos diálogos travados com o pai e ao aprendizado que teria sido construído ao longo do convívio entre ambos. Sobre os ideais paternos, Barroso destaca a admiração pela Igreja, devido a sua perenidade, e pela Revolução Francesa, muito embora detestasse “os espasmos da ralé” (BARROSO, 1939:25). O escritor atribui ao pai seu apego a tradição e evoca um diálogo esclarecedor sobre tal noção:

Os nomes das ruas duma cidade, meu filho, refletem a sua vida e resumem sua história. É um erro, senão mesmo um crime, mudá-los a cada passo, sobretudo para homenagear individualidades passageiras. Destrói-se a tradição que deve ser sagrada, porque é a alma duma Pátria. Não pode haver pátria sem tradição. (BARROSO, 1939:25)

A concepção de tradição expressa pelo pai, que em muito se aproxima da noção defendida pelo filho, manifesta em diversas passagens de suas publicações <sup>11</sup>, é uma

---

<sup>11</sup> *História Militar do Brasil*, livro publicado por Barroso pela Companhia Editora Nacional, traz uma citação valiosa para a compreensão do conceito de Nação para o autor: “A perda de suas tradições é um dos males que mais podem afligir uma nacionalidade. Sendo o homem a continuidade moral e física de seus pais, a nação é a continuidade física e moral das gerações unidas pela experiência e pela sucessão dos fatos através dos séculos”. A Nação é descrita tal qual um ser orgânico individual, estabelecendo-se,

questão que merece ser examinada. Não se sabe ao certo se a citação é uma transcrição literal de um diálogo travado entre ambos ou se teria sido, de fato, forjada pelo autor. A citação acima informa sobre os pontos cruciais que formaram o pensamento barroseano, ela reflete, por um lado, certo desejo de imobilidade das coisas e, por outro, a revolta diante da mudança, em síntese, traduz o desejo de manutenção da tradição.

Barroso concebia a tradição como uma espécie de herança, ou seja, como um conjunto de elementos que foram legados pelos antepassados aos seus pósteros, cabendo aos últimos o dever de manter e divulgar as conquistas dos ancestrais. Nesse aspecto, a tradição era constituída por elementos materiais e imateriais, os primeiros seriam identificados com os objetos antigos, as construções, o território conquistado e desbravado. Os aspectos imateriais estariam revestidos do simbólico, seriam os hábitos, costumes e histórias de um povo, elementos frágeis que poderiam se perder devido à ausência de proteção. A história de um povo seria o aspecto mais importante do legado deixado pelos antepassados, constituída pela história oficial - contada nos livros - e pelo Folclore - que mantém apenas pela oralidade os elementos constituintes de um povo. O intelectual postulava, assim, a formação da nacionalidade por meio da cultura popular e, por conseguinte, os contos populares assumiam uma função capital, passavam a ser os documentos mais importantes para a decifração do real <sup>12</sup>.

Nas primeiras três décadas do XX, quando o debate acerca do nacional estava na ordem do dia, Gustavo Barroso promoveu uma aproximação entre o nacionalismo e o conservadorismo que resultou numa versão bastante específica em seu pensamento <sup>13</sup>. Preocupado com os avanços da modernidade, buscava algo que fosse capaz de garantir segurança diante de um mundo em constante transformação que parecia destruir suas referências, e, foi no estudo do passado, no sentido da existência de raízes, que o autor

---

assim, uma relação entre natureza e sociedade, à semelhança com o Organicismo sociológico do século XIX. Cf: (BARROSO, 1938:123).

<sup>12</sup> Apesar das inúmeras diferenciações entre Gustavo Barroso e Capistrano de Abreu, observa-se uma aproximação entre ambos no que tange à formação da nacionalidade por meio da cultura popular, identificada como incólume no sertão. No entanto, se para o pensamento barroseano, o sertanejo era compreendido como síntese da nacionalidade brasileira, na visão de Capistrano, as tradições indígenas seriam as representantes mais autênticas dessa nacionalidade em questão. Cf: (GONTIJO, 2010:15-36).

<sup>13</sup> Gustavo Barroso considerava que a Nação teria seu começo atrelado à história portuguesa, pois, para nosso autor, a Nação teria surgido com a vinda da metrópole para o Brasil, em 1808: “A Nação surge o dia em que a Coroa da Metrópole vem para o continente americano. Até então, éramos simples colônia. Depois somos um reino”. Cf: (BARROSO, 1938:117).

encontrou sua segurança. Para o autor, o desenvolvimento de sentimentos nacionais estava baseado na tradição histórica.

Segundo o escritor, a identidade nacional seria deduzida da cultura, dos hábitos e dos costumes do povo, em outras palavras, o que transformaria um aglomerado de indivíduos em uma coletividade seriam os traços ancestrais compartilhados pelo povo ao longo dos tempos. A identidade era compreendida também como algo muito frágil, que poderia se perder devido à ausência de políticas para sua conservação e às modificações introduzidas pelo progresso <sup>14</sup>. A oposição às transformações era entendida, assim, como um mecanismo de manutenção da identidade, proposta concomitante ao período, que passava por grandes transformações, tanto na estrutura urbana, quanto nos hábitos. Alguns intelectuais eram adeptos da ideia de civilizar o país, de forma que o Brasil pudesse alcançar as nações, supostamente, em estágio mais avançado. Foi, nesse cenário, que o autor esboçou um projeto político e historiográfico que visava resguardar a tradição e, por outro lado, combater as inovações trazidas pelo ideal de progresso.

Entre os elementos componentes do pensamento barroseano, é premente destacar as alusões ao liberalismo, ao marxismo e ao positivismo, entendidos como doutrinas exóticas que colocariam em risco a Nação. Na expectativa de compreender a repulsa do intelectual a tais doutrinas, faremos uma breve digressão para o contexto histórico vivido pelo escritor.

Entre fins do século XIX e começo do século XX, identifica-se um grupo de intelectuais marcado pelo sentido de atualização e modernização, que queria iluminar o país através da ciência e da cultura, com uma confiança irrestrita nas ideias. No afã de acompanhar as sociedades européias, especialmente a francesa, vincularam o atraso do país às noções de meio e raça. As teses deterministas, defendidas principalmente pela Geração de 1870, postulavam uma visão pessimista da mestiçagem e, em muitos casos, demandavam a necessidade de um branqueamento da população.

A primeira Guerra Mundial foi crucial para a tomada de novos rumos, pois, o mito cientificista do progresso e seu conjunto de valores - baseados na razão, nas leis,

---

<sup>14</sup> O incômodo associado ao progresso não foi sentido apenas por Gustavo Barroso, mas antes, essa fora uma sensação comum entre a intelectualidade do primeiro vintênio do século XX. João do Rio é um contemporâneo do autor que denunciou a modernização como fator de desaparecimento das tradições populares. Cf: (VELLOSO,1996:15).

nos padrões civilizacionais e no desenvolvimento linear - foram desmascarados pela experiência do conflito. Dessa forma, o fim da primeira Grande Guerra assinalou também o término da “Civilização Internacional” proposta pelo liberalismo e a crise que se estabeleceu na Europa, por conseguinte, acabou por promover uma valorização da América, compreendida como um continente jovem que deveria pensar por si <sup>15</sup>.

A crença no liberalismo e na certeza de que a humanidade caminhava para um progresso ininterrupto - ideais colocados em xeque pelo conflito mundial - abriu caminho para a busca por particularidades nacionais. O novo cenário exigia que cada Nação encontrasse sua própria direção e, no caso brasileiro, tornava-se imperativo um movimento pela salvação do país, de maneira a estabelecer uma nova identidade, distinta da herança européia e dos modelos biológicos <sup>16</sup>. Dessa feita, vários intelectuais brasileiros se debruçaram sobre a questão nacional, na expectativa de encontrar o cerne da *brasilidade* <sup>17</sup>, demandava-se um redescobrimento do Brasil.

Alguns estudiosos, entre eles Gustavo Barroso, postularam que o ser nacional estava no interior do país, e não nas grandes cidades, onde residia o cosmopolitismo. Estabelecia-se uma oposição entre o litoral, associado à civilização e à modernidade, e o sertão, identificado com a barbárie e a antiguidade. Seguindo essa mesma linha de interpretação, o litoral foi percebido como o espaço onde residiam os costumes estrangeiros, avesso à realidade nacional, o sertão, por outro lado, representava a essência. Dessa forma, o sertão fora alteado como o local onde as virtudes do brasileiro permaneciam intocadas e, dessa forma, o sertanejo passou a ser visto como o símbolo da nacionalidade <sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Lúcia Lippi Oliveira explica que o Rio de Janeiro - da Belle-Époque - passou por mudanças que colocaram a questão da brasilidade e da justiça social na ordem do dia. Segundo a autora, a Campanha Civilista (1910), a Primeira Guerra Mundial (1914) e a Revolução Russa (1917) abalaram os pressupostos da intelectualidade do início do século, mudando o foco de suas preocupações. Cf: (OLIVEIRA, 1990).

<sup>16</sup> O fim da Primeira Guerra Mundial trouxe a necessidade de um movimento pela salvação do país, que postulou a importância de uma nova identidade para a Nação, distinta dos modelos europeus. Tal programa de luta se baseou, principalmente, na recusa dos modelos biológicos que promoviam o racismo, rompendo com a herança européia que naturalizava as noções de meio e raça. Cf: (OLIVEIRA, 1990)

<sup>17</sup> O termo brasilidade, entendido como a propriedade distintiva do Brasil e dos brasileiros, foi utilizado pelo conde Afonso Celso no livro *Por que me ufano de meu país* (1900), servindo para indicar uma espécie de essência dos seres e das coisas do Brasil capaz de inspirar o sentimento ao amor à pátria. Segundo Rebeca Gontijo, nos anos 1920, o termo foi retomado pelas discussões sobre modernidade, modernismo e nacionalismo. Cf: (GONTIJO, 2007:318).

<sup>18</sup> Rebeca Gontijo afirma que o movimento de (re)descoberta do Brasil iniciado ainda no século XIX e que se prolongou até, pelo menos, os anos 1950, despertou o interesse pelo interior do país, com suas vastas regiões e populações desconhecidas. Segundo a autora, esse movimento de (re)descoberta foi fundado na lógica da alteridade entre sertão e litoral e inspirou uma série de escritos sobre o interior,



As discussões sobre o sertanejo - enquanto raiz da nacionalidade - foram somadas às preocupações relativas à saúde e à educação, tornava-se premente combater as endemias do sertão e, não foram poucos os intelectuais que divulgaram receitas de cura dos males brasileiros<sup>19</sup>. Barroso figura entre aqueles que militaram na pena<sup>20</sup> e na política<sup>21</sup> pela saúde e educação, cobrando o letramento como único saber aceitável e expondo a necessidade de intervenção do poder público a favor daqueles que contavam apenas com o conhecimento leigo para a cura de doenças.

Nessa rápida digressão, evidenciamos duas coisas, por um lado o ataque a tais doutrinas e por outro seu amor ao sertão. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que o espírito cientificista atingia tanto o liberalismo quanto o socialismo e, dessa maneira, a dúvida colocada sobre a ciência nos permite compreender a aversão do autor tanto em relação a uma quanto a outra corrente. O desprezo pelo liberalismo poderia ser justificado, principalmente, pelo fato de que ele condenava a escravidão e a ordem imperial, elementos caros ao autor. O positivismo, por seu turno, postulava que nação não era vista como uma singularidade, o que conflitava com a versão marcadamente nacionalista do pensamento barroseano e, também, porque Comte considerava o regime republicano como forma de governo superior a monarquia. O marxismo, além de ser desmerecido pelo seu aspecto científico, também fora diminuído devido a experiência da Revolução Russa, percebida por Barroso como um mecanismo de dominação de uma classe sobre outras. Todas essas questões nos permitem perceber Barroso como um

---

dedicado a recuperar ou inventar peculiaridades geográficas, humanas e culturais. Gontijo destaca que, nesse período, prevalecia a visão de dois brasis: o do litoral e o do interior, sendo possível identificar duas vertentes de interpretação sobre o sertão. Cf: (GONTIJO, 2007:319).

<sup>19</sup> Lúcia Lippi ressalta que, malgrado os esforços para conhecer a identidade do interior do país, o contato com o sertão despertou também a preocupação com sua população. Divulgou-se uma espécie de receita de cura dos males brasileiros, que incluía a saúde, a educação e o combate as endemias do sertão. Cf: (OLIVEIRA, 1990).

<sup>20</sup> O Folclore é visto no pensamento barroseano em oposição ao saber erudito. Ao mesmo tempo em que o autor valoriza a cultura popular como expressão da alma do povo, ele instaura uma cobrança pelo letramento como único saber aceitável.

<sup>21</sup> A filiação ao Partido Republicano Conservador, em 1912, e posterior atuação como Deputado Federal expressam a preocupação quanto às temáticas debatidas nos livros e artigos publicados. A seca do Nordeste, o Cangaço, a preservação das comunidades indígenas e o controle da imigração foram os temas recorrentes durante sua atuação como Deputado Federal. Sua inserção na política se deu pelas relações de parentesco que tinha com o Coronel Benjamin Liberato Barroso, membro da oligarquia cearense, que em 1914 foi eleito presidente do Estado do Ceará. Barroso foi eleito em 1915, com o apoio político do governo estadual e de Pinheiro Machado, importante nome da República de então, com quem mantinha amizade desde 1912.

homem de seu tempo, que comungou dos ideais em voga e, principalmente que fez opções, elementos esses, fundamentais para o presente estudo.

### ***O sertanejo como símbolo da nacionalidade***

O apego às coisas da terra nos remete a outro aspecto bastante discutido em suas memórias e possuidor de importância crucial em sua trajetória, seja como político, seja como intelectual, a saber, o ufanismo. Observamos, nas reflexões produzidas pelo autor, elementos que aproximam sua obra de uma vertente nacionalista que avalia positivamente o passado colonial e imperial, ao mesmo tempo em que promove uma espécie de repulsa pela sociedade americana. A colonização inglesa e protestante seria uma das principais razões para o desprestígio da cultura americana na visão da corrente nacionalista supracitada.

O Ufanismo entendia que a nacionalidade era fruto das condições naturais da terra e, dessa forma, promovia uma exaltação do Brasil e de sua gente, o que podia ser verificado em um de seus principais postulados, qual seja, a valorização as três raças que teriam composto o povo brasileiro. Afonso Celso, Eduardo Prado e Afonso Arinos podem ser citados como os principais expoentes dessa corrente nacionalista, que teve, com a publicação de *Porque me ufano de meu país*, de autoria de Afonso Celso, em 1900, um dos seus pontos altos. Eduardo Prado<sup>22</sup> defendia ideias que podem ser aproximadas de muitos dos ideais defendidos por nosso autor, como a defesa do regime monárquico e a negação do republicanismo americano. Apesar das diferenciações entre ambos, o que por ora não nos interessa discutir, é importante acentuar a relevância desse autor na elaboração do pensamento barroseano. Outro nome que figura nas referências de Barroso, certamente como o mais influente na defesa do ufanismo de Barroso, é Afonso Arinos. O autor de *Coração de Menino* cita, em suas memórias, Arinos como um dos principais interlocutores de sua trajetória intelectual. É interessante observar

---

<sup>22</sup> Paulo Prado entendia que a monarquia era uma instituição profundamente enraizada no País, e a república recém-proclamada, um gigantesco passo atrás dessa emancipação. O intelectual temia a federação como causa inevitável da dissolução da unidade nacional que, fragmentaria a Nação em repúblicas autônomas e inimigas entre si, a exemplo da América Espanhola. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, estudioso do pensamento de Eduardo Prado, explica a particularidade do pensamento desse autor. Segundo Berriel, numa circunstância histórica em que o típico era a cópia do padrão ideológico europeu, especificamente, o liberalismo, Prado, ao mesmo tempo em que copia o padrão europeu fornecido pela Geração de 70, repudia a nossa inclinação a espelhar a voga européia. Cf: (BERRIEL, 2003:101-102).

ainda, que a narração sobre a proximidade entre ambos revela o prestígio que Arinos possuía para Barroso. A sociabilidade estabelecida entre os intelectuais era ostentada por Barroso como distintivo social.

O ufanismo em Barroso pode ser observado na forma como o autor representa a terra natal, nos adjetivos empregados para qualificar a natureza e o povo e, principalmente, no amplo espaço ocupado pelo tema na narrativa. O registro das impressões sobre a terra natal está permeado de alusões à beleza natural da região e às preocupações relativas à seca e à miséria do povo, o que parece anunciar os temas centrais dos projetos posteriormente empreendidos por Barroso na política: “Nasci e criei-me dentro da preocupação das secas. Minha família vivia nas cidades, mas resultava de incontáveis gerações de agricultores e criadores” (BARROSO, 1939:49). A experiência familiar com a seca parece ter causado comoção no futuro literato, pois há outros relatos acerca dessa temática, imbuídos de forte conteúdo emocional, como, por exemplo, quando Barroso descreve a passagem de um grupo de retirantes pela fazenda da família:

Atrás deles, vão ficando pela beira das estradas velhos e meninos inanidos moribundos, que, mal fecham os olhos já estão sendo devorados pelos urubus. Quando acampam, como ali no Benfica, dependurando as redes rasgadas e imundas, os pobres fiangos, dos galhos dos cajueiros, desses montões de gente suja se exala um fétido insuportável. Se a varíola ou a desenteria [*sic*] dão num desses ajuntamentos, não se salva às vezes um indivíduo. É uma vassourada. Dias e dias passam os coveiros a cavar a vala comum na terra ressequida e ardente do cemitério para enchê-la com corpos de retirantes. (BARROSO, 1939:212)

O apreço pelo lugar de origem esteve presente em sua atividade como escritor, em sua iniciativa política e também em seu movimento de promoção do Folclore nacional, questão que lhe ocupou ao longo de toda sua trajetória <sup>23</sup> intelectual. As problemáticas do regionalismo e do Folclore se coadunaram com suas ações na esfera política devido, principalmente a sua aproximação e, posterior inserção na Ação Integralista Brasileira (AIB) em 1933.

---

<sup>23</sup> Gustavo Barroso sugeriu também a criação de um Museu Ergológico Brasileiro, proposta divulgada em formato de artigo nos Anais do Museu Histórico que, no entanto, não chegou a ser efetivada. O autor estabeleceu uma divisão da ‘ciência folclórica’ em ‘animologia’ - referente à alma do povo - e ‘ergologia’ - referente aos ‘valores de utilidade’, como moradia, mobiliário, e indumentária. Ainda segundo o autor, esse museu poderia ser dividido em setores relativos às regiões características do Brasil. Cf: (BARROSO,1942).

### ***Integralismo: um projeto político e historiográfico***

Os principais nomes que formaram a chefia do movimento integralista na década de 1930 defenderam propostas estéticas que, nos anos de 1920, envolviam temáticas ligadas ao Folclore e ao regionalismo. O grupo Verde - amarelo, vertente conservadora do modernismo paulista, teve em Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia seus principais expoentes. O movimento postulava a importância de São Paulo como centro econômico e cultural, em contraste com o restante do país <sup>24</sup>. A proposta regionalista do grupo foi questionada por outras vertentes modernistas, principalmente a defendida por Mário de Andrade, que via no regionalismo a fragmentação do país e, por essa razão, buscava elementos que pudessem representar a nação em seu conjunto. As particularidades regionais, elementos caros aos verde-amarelos, foi preterida pelo grupo de Mário de Andrade, sob a ótica de que promoviam uma desgeografização <sup>25</sup>. Apesar das críticas ao regional, Barroso manteve essa questão dentro de seu horizonte de análise, fez parte de um movimento que visava percorrer o interior do Brasil na busca pela essência.

Se as discussões sobre o Folclore e o sertão o aproximam dos principais pontos do ideário defendido pela AIB, a relação com a Igreja, entretanto, o distancia dessa corrente. A defesa do catolicismo era um aspecto central da doutrina difundida pela AIB, exposta no lema “Deus, Pátria e Família”, bandeira do movimento, que atraiu inúmeros adeptos por todo o país. Ao contrário dos principais expoentes do partido, como Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima <sup>26</sup>, Gustavo Barroso não possuía uma relação substancial com a Igreja <sup>27</sup>, conforme podemos observar na leitura de suas memórias:

---

<sup>24</sup> A versão valorativa de São Paulo encontrou respaldo no mito de origem da sociedade paulista, difundido desde XVIII, que relacionava a grandeza de São Paulo à herança Tupi. Cf: (GONTIJO, 2010:15-36).

<sup>25</sup> Cf: (VELLOSO, 1993: 89-112).

<sup>26</sup> Entre os anos 1910 e 1920, Jackson Figueiredo fez parte, juntamente com Álvaro Bomílcar de uma corrente nacionalista que uniu as cruzadas católicas de Figueiredo à Ação Social Nacionalista de Bomílcar. Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima são considerados os principais expoentes de uma corrente nacionalista católica que, na década de 1930, buscou difundir seus ideais por meio da Ação Integralista Brasileira. Cf: (OLIVEIRA, 1990).

<sup>27</sup> Observa-se um número expressivo de historiadores que afirmaram a existência de um catolicismo vigoroso em Gustavo Barroso, hipótese fundamentada, em geral, no fato de o intelectual ser integralista. O presente estudo propõe o contrário, pois, acreditamos que a inserção de Barroso no integralismo, tão somente, não pode ser considerada o indício de uma vida religiosa intensa. Apesar de a Ação Integralista ser um movimento católico, a prática da religião não era uma exigência para a filiação ao partido. O que

Não tenho formação religiosa. Fui batizado na Igreja do Patrocínio pelo meu primo Padre Vicente Salazar da Cunha como se é em geral batizado num país de catolicismo superficial como o Brasil, por ser, porque toda a gente é. Não frequento a Igreja. Não tenho obrigação de ir a missa. Vou às vezes por curiosidade, outras para acompanhar minha tia Neném. Nunca fiz a primeira comunhão. O meu colégio é um colégio absolutamente leigo, ao gosto do século XIX. Não tem ensino religioso e nem se fala nisso. (BARROSO, 1939:55)

Tanto no âmbito familiar quanto no espaço escolar, Barroso parece ter vivenciado uma educação absolutamente laica e, a exceção de sua avó e de sua tia Neném - católicas devotas - toda a família possuía uma relação indiferente quanto à religião. No entanto, em outros momentos da narrativa, as tradições ligadas à Igreja são apresentadas de outra forma, por exemplo, no final do livro, quando relata a experiência do Natal de 1899. O autor de *Coração de Menino* lamenta a perda do sentido cristão do Natal, em que, aos poucos, deixa-se de festejar o nascimento do menino Jesus e passa-se a comemorar a data de forma semelhante aos países do hemisfério Norte, com árvores de Natal e Papai Noel. Embora o memorialista demonstre preocupação diante do abandono dos costumes cristãos, esse aspecto de sua narrativa, isoladamente, não pode ser considerado uma mudança de pensamento, mas, sim, novamente uma afirmação de seu apego a tradição e desejo de imutabilidade das coisas.

Ao positivar as tradições católicas, o escritor não parece demonstrar uma religiosidade própria, um despertar da fé, mas sim, uma valorização da Igreja enquanto instituição, o que pode ser compreendido pela postura assumida por ela frente aos dilemas do mundo moderno. Em fins do século XIX, a Igreja se mostra contrária ao progresso e ao liberalismo e reafirma seu desejo de se manter ligada à esfera política, postulando que Estado deve subordinar-se à Igreja. O Catolicismo conservador condenava o cientificismo, que estaria expresso tanto no positivismo quanto no materialismo, por acreditar que ele levaria ao ceticismo. As propostas da instituição iam ao encontro dos projetos barroseanos, o que provavelmente revigorou a relação entre

---

verificamos, de fato, foi que o autor possuiu uma relação respeitosa com a Igreja, devido, principalmente, à importância dessa instituição na história do país e na tradição nacional – elementos caros aos projetos do autor, conforme assinalamos anteriormente. Nossa hipótese é corroborada pelo historiador Marcos Chor Maio que também destaca a inexistência de um catolicismo veemente por parte do escritor. Cf: (CHOR MAIO, 1992).

ambos e foi o motivo para, em 1930, autor estabelecer o catolicismo como elemento para a formação da nacionalidade<sup>28</sup>.

A relação apática com o catolicismo é um ponto que parece destoar de sua militância integralista, no entanto, notamos outro aspecto característico de seu pensamento que constitui uma chave de interpretação para suas opções políticas, museológicas e, principalmente historiográficas, a saber, o militarismo.

Na minha casa há a mania, a superstição do doutor. (...) Entre as várias espécies de doutor, dava-se preferência ao bacharel em direito. (...) Quando eu revelava minhas tendências para militar, era um Deus nos acuda de protestos. Desde a mais tenra idade o ambiente doméstico guerreava minhas aspirações. A guerra foi tal que acabei bacharel contra a vontade. Sinto dentro em mim sempre uma revolta surda. (BARROSO, 1939:30)

No que se refere à família, essa parece ter importância crucial na formação de seu pensamento e nas decisões que são tomadas ao longo de sua vida, o que inclui a escolha da profissão. Ao longo da narrativa verificamos uma dualidade de objetivos, ele oscila entre a carreira militar e o mundo das letras, processo que termina com a escolha pelo último, o que, em todo caso, não parece ter sido o sonho de Barroso. A frustração do autor é perceptível nos diversos projetos em que se envolveu, tanto no âmbito do patrimônio histórico quanto no aspecto político e historiográfico. Barroso revela-se um intelectual saudoso de um passado idealizado, por um lado, e um indivíduo que se sentia tolhido pela crítica e pela incompreensão, por outro.

## **Referências**

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Estudos Históricas*, 1998.

BARROSO, Gustavo. *Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Da Costa, 1941.

---

<sup>28</sup> O autor promove uma aproximação entre o bandeirante e o jesuíta, entre história militar e religião, que nos permite avaliar a particularidade de sua relação com a Igreja: “(...) o bandeirante e o jesuíta moldaram um o nosso corpo, o outro a nossa alma. E quem puser de parte, na avaliação do que seja o Brasil, a nossa história militar e o nosso sentimento religioso, os dois valores positivos mais fortes e contínuos da nossa formação, não conhece a vida brasileira ou procede com evidente má fé”. (BARROSO, 1938:125).

BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio M. da Costa, 1940.

BARROSO, Gustavo. “Museu Ergológico Brasileiro”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 3, 1942.

BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. “Vida Literária No Período Prudente de Moraes (1894-1898): Eduardo Prado, pensamento oligárquico e restauração monárquica”. In: SILVA, Fernando Teixeira da *et al.* (org.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. “Verdades de autobiografias e diários íntimos”. In: *Estudos Históricos*, 1998.

CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. Laemert & C. Livreiros - Editores, 1908.

CHOR MAIO, Marcos. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. v. 30, n. 59, 2010.

GONTIJO, Rebeca. “O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu”. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs). *Cultura*

*política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GONTIJO, Rebeca. “‘Paulo amigo’: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu”. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. (Tese de doutorado).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “As festas que a República manda guardar”. In: *Estudos Históricos*, v.2, n. 4, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, 1990.

SIRINELLI, Jean François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VENÂNCIO, Giselle Martins. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história”. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VELLOSO, Monica Pimenta. “A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.